Algumas premissas para um dia de debate

Autor(es): Figueira, Jorge
Publicado por: Editorial do Departamento de Arquitectura
URL persistente: [URI:http://hdl.handle.net/10316.2/37432](http://hdl.handle.net/10316.2/37432)
DOI: [DOI:http://dx.doi.org/10.14195/0874-6168_2_2](http://dx.doi.org/10.14195/0874-6168_2_2)
Accessed : 26-Apr-2023 11:43:00

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

ecdj

2

fctuc | departamento de arquitectura

10 anos de arquitectura no colégio das artes

construir uma escola

tape

encontros de tomar 4

alexandre alves costa vs gonçalo byrne

paulo mendes da rocha

março 2000

[algumas premissas para um dia de debate]

jorge figueira

- > Para o Curso do Departamento de Arquitectura de Coimbra não deverá ser fácil encontrar uma mobilidade única que o defina.
- > Mas pode conquistar uma vocação onde a arquitectura seja entendida como uma disciplina que integra a necessidade e molda o tempo, isto é, onde o projecto obriga à reelaboração da História - e porventura a uma tacteante inclusão do que está fora dela -, alimentando-se de matéria conceptual assistida pelos mecanismos da composição e da construção.
- > Ao aceitarmos e aprofundarmos esta ideia estaremos a compreender o papel que a arquitectura joga na contemporaneidade: o da elaborada montagem de todos os passados numa perspectiva *futurante*.
- > As novas tecnologias exortam esta compactação de todos os destinos; a deriva cultural entusiasma o desvio e a experimentação.
- > A tarefa fundamental será a de integramos em flutuação mágica a tradição Beaux-Arts do desenho do modelo nu, e o momento em que a máquina passou a permitir todas as

manipulações da percepção, ou, de outro modo, ligar Vitruvio à Internet, cruzar Versailles com o Parque de la Villette.

- > Trata-se de aprofundar o legado da arquitectura enquanto disciplina e cultura estabelecida, e simultaneamente criar mecanismos de afrontamento funcional e especulativo às novas condições.
- > O desafio a empreender é o da construção de um modelo de ensino que compatibilize aquilo que são as metodologias perenes do saber arquitectónico, e os desafios que se colocam já como presenças do futuro.
- > Tentando-se contornar a habitual elencagem de problemas - a relação desenho-projecto, construção-projecto, teoria-projecto -, que, por serem sempre os mesmos ou já estão resolvidos ou são irresolúveis, sugerem-se os seguintes planos de debate:

Primeiro

- > No contexto da crescente massificação e banalização do ensino de arquitectura que papel pode desempenhar uma escola *pequena*, para se distinguir e se legitimar?
- > O de aprofundar uma vocação que compreenda a arquitectura como uma disciplina *singular* - em crise ou em transição -, assentar na complementaridade teórica-prática, reforçando ambas as vertentes, com charneira em cadeiras de Projecto que integrem as dificuldades mais do que as iludam com o "gosto" e a "habilidade"?
- > Na sombra da ruína da *escola-atelier*, se se deixou de acreditar no ensino baseado na transmissão, sem amarras nem investimento específico, da prática profissional, como construir um corpo de cadeiras de Projecto com matrizes autónomas, evidentes e programadas, que enquadre a natureza e as convenções da disciplina e seja capaz de integrar criticamente a explosão de conceitos e a condição errante da arquitectura contemporânea?
- > Qual é a estrutura e o funcionamento de Projecto que pode interpretar e adequar-se às *alterações* da disciplina - a perda de um objectivo de *redenção social* e a debilitação da função matriz da arquitectura como organização do espaço -, tendo em conta a revolução de meios e fins que a informática desencadeia quotidianamente e que a exposição mediática da arquitectura alimenta?
- > Desdobrar-se em seminários/ateliers segundo discursos focais que dinamizem as escolhas de Projecto e permitam simultaneamente tecer as convenções da disciplina e problematizar aquilo que as rompe?
- > Integrar a ideia de atelier conjunto em *open space* mas recusar a vertente oficial praticista, aprofundando a responsabilização individual dos professores e estudantes na formulação de um discurso crítico, testado formalmente aquando das avaliações, e depois sintetizado por ocasião da Prova Final?

Segundo

- > É impraticável partir para o Projecto sem testemunhar a reinvenção da disciplina que o Moderno proporcionou ao delinear um sistema global de acreditação do mundo de que ainda somos filhos e herdeiros.
- > A arquitectura Moderna é exactamente esta conceptualização exponencial da disciplina, uma arquitectura que sabe de si própria laicamente, pensando-se como instrumento para a revolução estética e social, mais tarde reinventada na via reformista que traz de volta a rua, o lugar, o contexto.
- > Uma das faces do Moderno traduzia classicamente um enunciado estilístico que permitiu a criação de uma nova "habilidade", um modo de fazer que ainda hoje por aí anda tardiamente. Mas a "habilidade" perdeu sentido quando caíram os paradigmas que a sustentavam, e, de então para agora, abre-se aquilo que já estava inscrito no Moderno, e que a sociedade contemporânea se encarregou de "destapar": a prevalência da forma, a crise do lugar, a hegemonia da máquina, a arquitectura como produto cultural.
- > Como é que o ensino da arquitectura, que se baseia, por natureza, em questões e princípios concretos, pode lidar com aquilo que está em trânsito, no mercado, livremente?
- > No nosso contexto, a produção arquitectónica, tal como o ensino de arquitectura, tem que encontrar-se para lá da especificidade do nosso atraso, isto é, cruzar-se com as experiências realizadas, dialogar, comprometer-se, saber encontrar-se para lá do exotismo que a chamada "domesticação" dos modelos sempre nos emprestou.
- > É também neste sentido que é necessário passar da intuição para o conhecimento, passar da mimética para a manipulação.
- > Trata-se de construir uma racionalidade que integre a experiência contemporânea e a nostalgia do lugar que move centralmente a produção da nossa arquitectura.
- > Trata-se de passar da exibição de objectos para a inventariação de fundamentos.
- > Até lá, pode-se dizer que o ensino de arquitectura do nosso tempo ainda não começou.

Terceiro

- > Que instalações vão determinar o Departamento de Arquitectura de Coimbra: um Colégio das Artes reformulado ou um Colégio de S.Jerónimo conquistado?
- > O lugar do Curso de Arquitectura depende da conquista definitiva das suas instalações: a precária situação actual não tem permitido institucionalizar o Curso e afirmá-lo no panorama nacional das escolas de arquitectura.
- > Por outro lado, o desafio maior dos 10 próximos anos que agora se abrem vai ser o de transformar o Departamento de Arquitectura de Coimbra, do depósito de cruzamento de alguns dos testemunhos da melhor prática e ensino de arquitectura em Portugal, numa plataforma que reinvente as dídivas e introduza o futuro.
- > Do sonho de uma escola de arquitectura como novo fórum entre Porto e Lisboa, o que resta, e o que falta ainda ser sonhado?